

NA TERRA DAS MULHERES SEM BUNDA

Um roqueiro doidão em lua de mel
por dez cidades europeias, às voltas
com muita cerveja e... um crime?

PAULÃO DE CARVALHO



© 2011 Paulão de Carvalho

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico e diagramação
Alex Yamaki

Ilustração da capa
Weberson Santiago

Preparação de texto
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Telma Baeza G. Dias
Alessandra Miranda de Sá

Impressão
Orgrafic

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Carvalho, Paulão de
Na terra das mulheres sem bunda/ Paulão de Carvalho. – 1.ed. – São
Paulo: Panda Books, 2011. 336 pp.

ISBN: 978-85-7888-139-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

11-2547

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

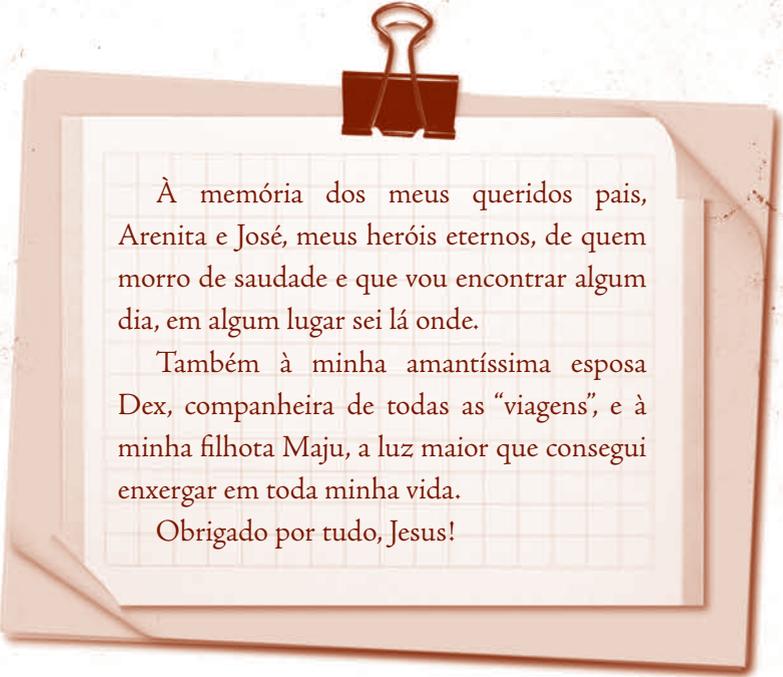
edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.



À memória dos meus queridos pais,
Arenita e José, meus heróis eternos, de quem
morro de saudade e que vou encontrar algum
dia, em algum lugar sei lá onde.

Também à minha amantíssima esposa
Dex, companheira de todas as “viagens”, e à
minha filhota Maju, a luz maior que consegui
enxergar em toda minha vida.

Obrigado por tudo, Jesus!



AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especialíssimo ao Cristiano Gonçalves, que me colocou em contato com a Panda Books, a editora que no ato deste lançamento realiza um sonho muito antigo.

Agradecimentos aos meus irmãos Boitron, Carlos e Celso, meus exemplos e influências.

Milhões de beijos pros meus sobrinhos, sobrinhas, cunhado, cunhadas e afilhado.

Ao escritor e colega do SBT Jorge Tadeu, pelas dicas e amizade.

Aos escritores e amigos André Vianco e Celso de Campos Jr., pelas palavras gentis aqui publicadas e pelas cervejas que ainda serão bebidas.

Ao meu grande amigo de boêmia e rock, o dramaturgo, ator, escritor, diretor, compositor e cantor Mário Bortolotto.

À banda das Velhas Virgens, músicos, produção e equipe técnica, de quem tirei férias valiosas durante a viagem aqui descrita.

Ao povo do SBT, especialmente do *Domingo legal*, onde me sinto em casa.

Ao meus amigos Cavallo e Rick e a suas famílias.

A todos (e graças a Deus não são poucos) os meus amigos que direta ou indiretamente colaboraram para este livro ser escrito.

Viva o Corinthians!



A TRILHA SONORA DE NOSSAS PUTAS VIDAS TRISTES	11
INTRODUÇÃO	13
Londres.....	16
Bragança Paulista	17
São Paulo.....	18
Sobre o Atlântico	21
ESPAÑA	23
Madri	26
Barcelona	52
FRANÇA	69
Paris.....	69
INGLATERRA	125
Londres.....	125
Liverpool	174
HOLANDA	197
Amsterdã.....	198
ITÁLIA	233
Milão.....	234
Veneza	255
Florença.....	285
Roma	300
São José do Rio Preto.....	333



Sempre que não consigo aumentar a porra da música no *headphone* acoplado em meu cérebro, penso que em algum momento da vida joguei fora a oportunidade rara de ser feliz. Mas logo me lembro de que felicidade não existe e que é só um negócio que inventaram pra vender produtos nos intervalos das telenovelas. Então, aumento a música, deixo que esses pensamentos sombrios e enganadores me abandonem e continuo arrastando minha carcaça triste e renitente por aí. Mas este é um livro de um cara feliz, ou pelo menos de alguém que ainda acredita sinceramente na ideia e em todas as suas consequências. Este é o livro de um cervantesco que aboliu a palavra “dúvida” do seu diário de narrador emocionado. Então, esse pra mim não é exatamente um território familiar. Ele resolve fazer uma lua de mel pela Europa com Dex, a mulher de sua vida. Não lhe parece encantador? O que nos resta é saber se tal argumento pode render boa literatura. Gostaria já de preveni-los de que Paulão (o escritor deste livro) faz, sim, um ótimo guia para casais felizes com pretensões de ampliar sua felicidade numa feliz viagem pela Europa, ou seja, não deixa de ser um livro de autoajuda para pessoas desse naipe. Paulão indica lugares pra visitar, dá dicas e até previne os casais das possíveis roubadas em que é possível se meter. Mas, se o livro fosse apenas isso, colocaria nele logo o carimbo com cinco estrelinhas no “Guia de viagem para pacientes que sofrem de felicidade crônica terminal” e ia cuidar da minha vida. Afinal, Paulão, esse é o seu mundo. Eu apenas passo em alta velocidade na rodovia e aceno da janela. O que acontece é que o livro é bem mais do que isso.

Paulão é meu amigo de longa data, vocalista da banda de rock'n'roll Velhas Virgens e redator de televisão. O cara domina a arte de narrar bem uma história. No caso, a viagem de sua vida com a mulher de sua vida pela Europa. E, se você não é capaz de se emocionar com tantos arroubos de felicidade, saiba que o melhor ainda está por vir, já que pra mim existem momentos em que o livro fica mesmo emocionante. E aí volto a me sentir confortável. Paulão inventou um recurso dos mais eficazes para mergulhar em suas reminiscências. A mulher chega cansada no hotel (depois de tantos museus, lojas e pontos turísticos – eu fico cansado só de pensar nisso) e cai na cama. Paulão se arma de algumas cervejas e se tranca no banheiro com seus fones. Cada música que ele ouve o faz lembrar de momentos marcantes na sua vida. Dá vontade de estar lá com Paulão bebendo cerveja no seu mundo de lembranças velozes do tempo em que ainda se duvidava do poder das coisas boas, e pontuando suas histórias com exclamações incrédulas e identificações inevitáveis com a trilha sonora. Então, daí, está valendo tudo. Pedidos de casamento no topo da Torre Eiffel, encontrar Jimi Hendrix nos fundos de uma loja de guitarras em Londres ou John Lennon em Liverpool. Ou até conversar com Deus e o diabo numa rua de Roma.

Porque vai ter um momento em que você vai voltar a duvidar. Mas, enquanto esse momento não chega, aproveite sua inocência pra brincar com essa coisa tenra e frágil que alguns cientistas e céticos costumam alardear não existir. Eu sou grosseiro o suficiente pra fechar com eles, mas nunca deixo abafarem a trilha sonora da minha vida com os gritos de dor no quarto ao lado. Suba o volume e arrebente a porta com o pé. Aperte a cabeça daquela pessoa contra o seu peito e divida com ela seus fones de ouvido. Não há mal nenhum nisso. E, se houver, não é disso que vamos morrer, não é? Longa vida pra você, Paulão. Como já disse uma vez, se tem alguém que merece, é você, meu irmão.

Mário Bortolotto



Sempre acentuei “cu” e “aqui”. Quem me ensinou que essas palavras não são acentuadas foi minha esposa Dex, analista de sistemas e companheira desta viagem à Terra das Mulheres sem Bunda, na qual você está prestes a embarcar. Tenho inveja das pessoas que, como minha esposa, sabem de cabo a rabo as regras de acentuação: não se acentuam os monossílabos tônicos terminados em i ou u, exceto se for éi, éu ou ói, seguidos ou não de s. Ainda que anatomicamente o cu fique perto do nosso assento, ele não leva acento. “Aqui” nunca teve acento, exceto nos meus textos.

Como diabos um cara que não sabe acentuar pode escrever um livro? Fácil: na época em que trabalhei escrevendo verbetes para um guia de filmes em vídeo para a Editora Nova Cultural descobri a existência de um setor chamado “copidesque”, que cuidava de consertar as cagadas ortográficas dos autores. Nem sei se ainda existe esse trabalho, uma vez que os computadores passaram a fazer tudo automaticamente, inclusive acentuar. Ufa!

Por muito tempo os livros foram meus inimigos, a não ser os de estudo (sempre fui bom aluno) ou gibis. Eu gostava de ler poesias e escrevia as minhas também. Horríveis! Estão numa caixa de sapatos no meio da papelada da minha vida, esquecidas em algum baú. E que fiquem lá! Meu pai me transmitiu o gosto pela leitura de jornal. Inicialmente, apenas as notícias do Corinthians na sessão de esportes, depois também a de cultura e por fim a primeira página, escolhendo aleatoriamente assuntos de outras editorias que me interessassem. Mas livros? Eca!

Quando tomei contato com *Macunaíma*, de Mario de Andrade, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, com os universos de Jorge Amado e Guimarães Rosa, percebi que havia algo de muito brasileiro naquelas palavras em língua portuguesa. Percebi que, por mais eventualmente complicada ou trans-

mutada que parecesse a linguagem, havia sempre uma história familiar que me rodeava, quase como as letras de Adoniran Barbosa. Interessante! Com crônicas da coleção “Para gostar de ler” descobri outro filão que me interessava: Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rubem Braga, Drummond, porra... Aquilo era divertido! Marcelo Rubens Paiva me deixou apaixonado com seu *Feliz ano velho*, e me curei definitivamente. Descobri que, se a gente lê sobre assuntos dos quais gosta, pelo menos no início da cura, facilita o processo de saborear a leitura. Gosta de vampiros, como eu? Leia meu amigo André Vianco. Hoje, admiro a linguagem direta e afiada do meu irmão Mário Bortolotto (em livros e no palco), assim como entro em parafuso com a doideira que é o texto de Reinaldo Moraes (*Pornopoepia é coisa de louco*).

A experiência em blogs e no dia a dia da televisão (sou roteirista há 25 anos) me fez imaginar alguma coisa maior que roteiros pra escrever. Daí anotei tudinho da viagem para à Europa, pensando em escrever, quem sabe, um humilde guia de botecos e dicas do Velho Continente. Ou nem isso. Na verdade, não sei bem por que anotei. E se tornou muito mais que um guia, principalmente pela abordagem do meu ponto de vista de músico, bebedor e duro que precisava contar os centavos para não ter que abortar a viagem no meio.

Viajar com a esposa também cria suas peculiaridades, principalmente na Itália, onde os caras não têm o menor pudor de “secar” sua parceira de cima a baixo nas ruas. E é muito romântico também! Quer coisa mais legal que ser pedido em casamento em cima da Torre Eiffel? O contato com as culturas e os idiomas que se alteravam a cada dois ou três dias fez a gente desenvolver um jogo de cintura danado, além de nos convencer de que, seja em que parte do mundo for, falando o idioma que for, sempre se trata de gente. É o mais legal de tudo.

A isso somei memórias e passagens recorrentes da minha vida, o que tornou o livro ainda mais amplo que a viagem que o originou. E tem mais: meu livro é o primeiro com trilha sonora. Você vai lendo e ouvindo comigo sons antológicos que só habitam juntos num único MP3 Player: o meu.

Na verdade, este livro foi escrito em trânsito, nos intervalos das minhas atividades como roteirista do SBT e da Band, onde eu trabalhava na época. Era pintar uma oportunidade e eu tirava da gaveta minha agenda com

anotações diárias, pilhas de notas fiscais, panfletos e catálogos, e começava a escrever sobre aqueles trinta dias fantásticos. Era quase como ir lá outra vez.

Viajar para a Europa sempre foi um sonho acalentado por anos e anos. O planejamento durou quase um ano, com checagens sobre nosso roteiro, hospedagens e até mesmo a possibilidade de fecharmos o pacote através de uma agência. Claramente não rolou, e fizemos tudo sozinhos, pela internet. Essa sensação de controle gerou muito medo e insegurança, mas aumentou o prazer de ver cada etapa concluída. O roteiro que fizemos – e só nós fizemos desta forma –, dormindo naqueles hotéis e até mesmo ficando à mercê de um psicopata em Londres... Foram pouco mais de quatro meses escrevendo vinte, trinta minutos a cada oportunidade, num total diário de duas horas em média. Escrevia, jogava no meu e-mail, ia pro outro trampo, abria o Yahoo! e seguia escrevendo.

O que eu queria mesmo ao escrever este livro era abrir uma janela por onde todo mundo que também sonha em fazer essa e outras viagens pudesse olhar e ver o que a gente viu. Respirar os ares que a gente respirou.

Ler é fazer um filme dentro da própria cabeça como nenhum Spielberg ou Hitchcock faria. É uma viagem ainda melhor que drogas e álcool – e não faz mal. Mas vicia!

É tudo uma questão de correr o risco de se apaixonar pelo que você vai ser induzido a construir dentro da sua cachola. A estranha horda das mulheres sem bunda está chegando. Então, sente o cu aqui (ou aí na poltrona que você preferir) e boa leitura!

Paulão de Carvalho



Cansados, com sono, cada qual com seus 12 quilos de mochila às costas, toda a nossa grana e os passaportes na irritante doleira sob a camiseta. Sem jantar, meio perdidos numa terra onde ninguém aceitava nossos euros, nem fazia questão de nos entender. Nem ao menos de nos ouvir. Lá estávamos nós, Dex e eu, o relógio marcando mais de uma da manhã, em pé, dentro de um trem em alguma estação suburbana mal iluminada nos arredores de Londres, frente a frente com o sujeito com cara de chapado que havia tentado roubar minha mochila menor. A mesma que agora eu tinha pendurada no meu peito e sob a qual eu escondia o canivete que estava preparado para enterrar no pescoço daquele cretino britânico. Quando aquele dia começou, nós estávamos em Paris. E eu só queria entender como é que as coisas tinham chegado àquele ponto. Eu havia saído do Brasil cerca de dez dias antes para realizar a viagem dos meus sonhos, percorrendo dez cidades europeias em lua de mel. Como diabos a coisa toda chegou ao ponto de eu estar em vias de furar a garganta de um súdito da rainha em seus próprios domínios, bem ao estilo de um conterrâneo dele, o tal Jack, o Estripador? Não era nada daquilo que eu havia planejado. As coisas, definitivamente, estavam fora de controle. Na terra onde nasceram o futebol e os Beatles, um brasileiro estava prestes a golpear seu inimigo e sofrer as consequências.

Bragança Paulista



Era o último show antes de embarcar para a *trip* dos sonhos pela Europa. O pequeno camarim do Galpão Busca Vida, em Bragança Paulista, estava apinhado de fãs e integrantes da nossa equipe. Eu dividia meu tempo entre guardar a roupa molhada do show e beijar o gargalo da pinga com limão e mel, especialidade local. No dia anterior, o chapéu de pirata que fazia parte do meu figurino havia sido surrupiado e eu me lembro de ter entrado no palco apenas com a bandana e bastante decepcionado. (Puto, porra!) Agora nada mais me incomodava, pois a cada gole de pinga eu me sentia mais calmo e feliz. Quem bebe é mais feliz!

Mais alguns autógrafos e fotos, pedaços da deliciosa pizza da casa e eu já estava dentro da van, com toda a banda, zarpando novamente pra São Paulo, sempre imaginando o momento de relaxamento extremo que só acontece quando fico pelado e me sento à privada do banheiro de casa depois dos shows. Mais uns beijos na garrafa e *pum*, apaguei. Só fui retomar o raciocínio quando alguém me chacoalhou já na frente do meu prédio na Piracema, 71. Como acontece em shows próximos de São Paulo, não teve hotel nem chuveiro, de modo que voltei pra casa usando meu indefectível roupão amarelo e todo melado de cerveja. A cena era deveras grotesca, comigo em frente ao prédio vestido de Piu-Piu gigante, arrastando desajeitadamente duas malas e uma garrafa de cachaça. Na verdade, eram duas garrafas, mas presenteei o porteiro com uma antes de entrar pelo corredor e subir até o sexto andar.

Entro, desfaço malas, guardo a cachaça no tanque, penduro roupas molhadas na geladeira... Opa... As roupas é que vão para o tanque... A cachaça... Essa vai para a geladeira... Pronto... Olha eu aqui pelado, sentado no trono, curtindo meu reinado solitário e fedorento. Uma olhada no jornal do dia. Mal consigo prestar atenção nas letrinhas. Estou um tanto embriagado, sabe? De repente, uma dúvida me assalta: “Conseguiremos ou não entrar na Espanha?”. Afinal de contas, centenas de brasileiros têm sido barrados no aeroporto de Barajas, Madri, por estes tempos. Era só o que me faltava: hospedagens, grana, passagens de avião, tudo estava preparado para um mês

movimentado que começaria na capital espanhola, seguiria para Barcelona, Paris, Londres, Liverpool, Amsterdã, Milão, Veneza, Florença, Roma, Madri de novo, e finalmente São Paulo. Quanto tempo imaginei como seria ver de perto lugares como a torre, o relógio, o rio, os canais, enfim, quanto tempo sonhei estar ali, naquelas cidades que só havia visto em fotos, na TV ou nos filmes. Só falta algum espanhol marrento querer cortar nosso barato e nos mandar de volta pro Brasil. Puta que pariu, isso não!

Deixo o jornal cair no chão. Dou um longo suspiro e inicio o processo de assepsia anal. Banho, tropeços no escuro do quarto. Dex resmunga algo. Eu me deito. Ambos apagamos. A luz do sol indica que o domingo amanhece e na segunda-feira começam meus trinta dias de férias no paraíso. Que não se tornem um inferno, “pelamordedeus”.



Viagem que é viagem não pode acontecer sem um bota-fora e nós marcamos o nosso em grande estilo no Frangó, tradicional bar da Freguesia do Ó, quem sabe, a maior carta de cervejas importadas desta cidade gigante. O estabelecimento foi eleito seis vezes o melhor de São Paulo. Ali Guinness é cerveja comum... São mais de duzentas marcas diferentes, de quase todos os países. E, comemorando esses vinte anos de inestimáveis serviços prestados à comunidade etílica, o Frangó disponibilizou um chope trapista holandês chamado La Trappe. Cara, uma cerveja daquelas que os monges fabricam que tem um sabor... Jesus e Maria... Só bebendo. E por estas e por outras resolvemos, Dex e eu, fazer a saideira lá. Amigos, parentes, gente unida em torno da cerveja. Amém.

Quando todos chegaram eu já tinha tomado umas cinco, de várias marcas e nacionalidades. O Frangó é o Hopi Hari dos bêbados. Num dado momento, naqueles em que a gente fica paralisado admirando um copo, um corpo ou se lembrando de uma música, me peguei pensando em como foi que a ideia daquela viagem começou. Era uma manhã de março ou abril de 2007.

Sonhei estar na Torre Eiffel. Dex se trocava para ir trabalhar, corriam seis e meia da manhã. Sentei-me na cama assustando minha esposa. Olhei pra ela e disparei:

– Vamos pra Paris, vamos pra Europa.

Dex me questionou com um olhar silencioso.

– Daqui a um ano. A gente vende meu carro, toma emprestado, seja como for, o importante é que a gente vai.

Ela riu porque sabia que poucas coisas no mundo poderiam me fazer desistir daquilo. De resto, foi colocar o plano em prática. Negocieei um mês de férias com a banda para abril e tinha intenção de pedir demissão do SBT uma vez que, sendo terceirizado, não tenho direito a férias. Defini o período de um mês porque não dá pra ficar indo pra Europa todo dia. Se você vai, fica logo um mês pra valer a pena. Em abril, porque em dezembro e janeiro é muito caro e muito frio. Em julho é quente, mas igualmente muito caro. Abril é o que eles chamam de “média alta temporada”. E, podem crer, quinhentos euros a mais ou a menos fazem muita diferença.

Por volta de dezembro de 2007 compramos as passagens de ida e volta de Madri. Quando você compra a passagem de ida e volta pela mesma cidade fica mais barato. Em janeiro descobri que o SBT não só não ia me demitir como aceitou me dar um mês de férias remuneradas permitindo que eu voltasse ainda empregado. *Brigado, seo Silvioooo!* Bem, passagens de ida e volta definidas, Dex revelou-se uma perita em compras pela internet. Foi fechando todos os trechos e hospedagens e, assim, quando chegou março, estávamos com os hotéis reservados e quase todos os traslados pagos, exceto para alguns trechos que queríamos fazer de trem. Não precisamos de agente de viagens nem de pacote turístico. Fomos pesquisando com antecedência e preferindo hotéis de uma estrela ou menos. Só precisávamos de cama, privada e chuveiro. Estava tudo tão certo que dava até medo.

Bem, seguimos nos embriagando com a galera no Frangó até sei lá que horas. Querem um conselho? Nunca marquem o bota-fora um dia antes da viagem. Acordamos no dia seguinte na maior ressaca. Nada pra me assustar, mas ela ainda tinha que trabalhar na segunda. Eu matei o trampo no SBT e fiquei finalizando a feitura da mochila. Aliás, mochila esta que Dex me fez pré-montar duas semanas antes. A mulher estava movida por uma ansiedade

maior que a minha sede. Mas, fazer o quê? Discutir com mulher é perda de tempo. A gente nunca vence. Já dizia o profeta e comediante norte-americano Chris Rock: “Um homem não pode ganhar uma discussão com uma mulher simplesmente porque os homens fazem questão de fazer sentido. Uma mulher não perde uma discussão por uma coisa boba como fazer sentido. Seja como for, é sempre *all about her*”. (Veja isso no YouTube, é demais!)

Duas calças jeans e mais outra de um tecido mais leve que eu não sei o nome, uma bermuda, um par de tênis desses que a gente usa pra correr, sapatos com a bandeira do Brasil, alguns pares de meias, cuecas, três blusas de frio (fora uma jaqueta impermeável leve que, segundo meu sogro, seu Ricardo, era uma receita para ter calor sem ter que transportar muito peso). E camisetas, claro: uma do Timão, outra com a frase “Nunca vou te abandonar, porque te amo, eu sou Corinthians”, uma do Brasil pentacampeão no Japão-Coreia e umas cinco ou seis das Velhas Virgens. OK, levei mais duas que a Dex me obrigou sem grandes significados. Que mais? Um monte de CDs das minhas bandas Cuelho de Alice e Velhas Virgens (quem sabe a gente encontre alguém que admira e presenteia... ou, ainda, podemos descobrir um lugar em que possamos tocar no futuro? Fabinho encontrou Lou Reed na França!), um boné das VV e o grande objeto da discórdia neste rol de viagem: meu chapéu pantaneiro que muitos acham ser de caubói. Dex quase me estrangulou para que eu não o levasse. Não adiantou. Nem tudo é *about her*, entende?

Bateram três da tarde e Dex chegou do trampo esbaforida. Ana Paula e Carlota nos deram carona pro aeroporto. Para o alto e avante!

Sabem, cansei de ficar olhando aviões cruzando o céu e imaginando quando estaria dentro de um deles pra conhecer o mundo. Numa determinada época olhar o céu e contar aviões era triste, porque me lembrava o episódio da morte por acidente de automóvel de meu pai, em Alagoas. O corpo veio de avião... Bem, 42 anos após ter aterrissado no Brasil através da barriga de dona Nita, tristezas e mortes sob controle, eu estava pronto pra encarar a doideira: minha “digníssima” e eu a caminho do desconhecido solo europeu. Puta que pariu... É nós!